

## Notas sobre a inibição

Ricardo Goldenberg

*Hemmung*, a inibição, não chega a ser um conceito, ao menos para Freud. Nunca adquiriu a dignidade do sintoma nem a nova respeitabilidade da angústia. A inibição era a prima pobre da psicopatologia. A palavra mesma se abriu caminho até a neurologia vinda da linguagem jurídica francesa, onde significava a suspensão dos direitos legais de alguém. Em 1845, os irmãos Weber denominaram assim a redução do ritmo cardíaco por influência do nervo vago e, por extensão, acabou sendo chamada de inibição a interferência sobre um processo em estado nascente que termina sendo abortado.

Frente ao sintoma, que acrescentaria algo a uma função normal, a inibição degradaria ou impediria tal função. É a diferença entre fazer todas as provas vestindo a mesma camisa fedida ou não fazer a prova de jeito nenhum. O sintoma recebe uma caracterização positiva, a inibição, negativa. Trata-se de um órgão arrolado a serviço do *Ego* que fica limitado ou impedido de funcionar, uma vez que o que ele faz passou a ter uma significação sexual.

Freud a define vagamente como uma perturbação funcional, daquele modo um pouco alegórico que lhe é característico: o *Eu* renunciaria a uma função – como comer, procriar ou trabalhar – pois esta fora ocupada por uma pulsão com a qual não consegue se haver. Caminhar, suponhamos, ou escrever, passaram a significar o incesto, então, o *Eu* abandona tal função nas mãos do *Isso*. Ou, quem sabe, renuncia a recolher os frutos do sucesso alcançado, seus merecidos louros, para atender uma exigência punitiva do *Super-eu*.

Quando discorre sobre o desenvolvimento psico-sexual da criança, em *Três ensaios para uma teoria sexual*, Freud faz observar que durante a evolução podem acontecer inibições, decorrentes de fixações eróticas a um determinado estágio que impedem avançar para o posterior. Já na Metapsicologia, o termo comparece embutido em *Zielgehemmt*: a pulsão obstaculizada em seu modo de satisfação próprio procura-se outros meios para essa realização, talvez algo impróprios. As metas sexuais diretas passam a ser

indiretas: o sexo animal vira um afago terno; o tesão, amizade. Aqui deveríamos discutir as *relações da pulsão inibida em sua meta com o recalque e com a sublimação*.

Não deixa de ser curioso que Freud se refira à *anorexia* e à *bulimia* como *inibições alimentares* e não como sintomas. Sempre escutei falar da inapetência e da voracidade patológicas como dois “senhores” sintomas. Mas, não para Freud. Deixar de comer ou comer sem parar estariam ainda dentro dos limites normais da função alimentar. Para candidatar-se a sintoma deve constatar-se uma alteração não apenas funcional mas morfológica do órgão ou da função. Um sintoma pode ou não estar associado a uma inibição, mas se estamos frente a um sintoma estamos frente a uma satisfação substitutiva da pulsão.

A lista que Freud faz das inibições não é menos instigante: podem ser afetadas de inibição a sexualidade, a alimentação, a locomoção e o trabalho social. Existe a rubrica “outros”, que ele denomina, em 1926, “inibições específicas”, sem especificá-las. A abordagem é, contudo, empírica. A inibição da função genital, por exemplo, se divide em: impotência psíquica, falta de ereção, ejaculação precoce e falta de ejaculação, para os homens, e anorgasmia, para as mulheres. A impotência, a “broxada”, a ejaculação extemporânea e o priapismo, então, tampouco seriam sintomas. Nem a frigidez...

O único comum denominador comum entre todas as inibições é a *insatisfação* (caberia evocar, a propósito disto, o “encontro mancado” com o real, a *Tyché*). Ou seja, o gozo não é possível, mas isso é lido como *impotência*.

“Não posso”, referido ao *real*, denota impossibilidade.

“Não posso”, referido ao *simbólico*, denota uma proibição.

“Não posso”, tomado *imaginariamente*, conota a impotência do agente.

Do ponto de vista econômico, Freud pensa a inibição como uma má

distribuição da energia libidinal. O onanismo interdito interfere nas relações do homem com o trabalho social. A interrupção do desencadeamento agressivo da pulsão causa inibição na histeria de angústia e o abafamento do ódio ligado a um amor recalçado produz inibições na neurose obsessiva. Já na melancolia, a detenção do movimento é uma defesa contra um retorno do ódio sobre si próprio que, de não ser barrado, desencadearia o suicídio. Tendo a agitação maníaca em uma ponta e a catatonia na outra, Lacan propõe organizar tais descrições usando as categorias da *dificuldade* maior ou menor para alcançar a meta e do impedimento ou facilitação ao *movimento* na direção da realização do ato.

Um trabalho de conceitualização da inibição deveria explorar o Leonardo da Vinci e as vicissitudes da criação, de Freud, onde encontramos uma determinação da inibição pelo Super-eu. E o Hamlet de Lacan, que é um caso exemplar de inibição, abordado pelo viés do desejo inconsciente enquanto determinado pela função paterna como metáfora.

No texto metapsicológico de 1911, “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico” Freud chama a atenção para o fato de que o princípio de realidade opera graças a uma inibição do princípio do prazer, permitindo a construção dos bens culturais ao preço do mal-estar. Raciocinando como Platão, Freud observa que a criação artística suspende o princípio de realidade e supera a inibição, mas desestabiliza em maior ou menor grau o recalque que alicerça a cultura civilizada.

[Trabalho publicado na Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 2009](#)

#### Referências

FREUD, Sigmund. *Obras Completas*, Madrid, Biblioteca Nueva, 1973

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro X, A Angústia* [1963/64]. Rio de Janeiro: J.

Zahar Ed., 2005